

probabilidade, mas, conforme será demonstrado, foram os sofistas que demonstraram melhor o seu uso, contribuindo sobremaneira com o florescimento do regime democrático na Grécia do século V a.C.

Palavras-chave: Retórica; Aristóteles; Platão; Sofistas.

SOBRE A BUSCA PELA INAUSÊNCIA DO OUTRO NA FILOSOFIA DE PLOTINO: O CONSTRUIR DA TESE EM MEIO A UMA PANDEMIA

Tadeu Júnior de Lima Nascimento⁷³

Resumo: A finalidade da comunicação é apresentar um relato de experiência da pesquisa à qual tenho me dedicado enquanto doutorando em filosofia na UFS. Debruçada no pensamento de Plotino (204 ou 205 – 270 d.C.), o objetivo de minha tese, grosso modo, é demonstrar que apesar dos tratados desse filósofo (as *Enéadas*) terem como foco o sistema profundamente metafísico das três hipóstases — Uno (*hén*), Intellecto (*noús*) e Alma (*psyché*) — e, do ponto de vista antropológico, uma vida voltada à contemplação intelectual, sua ética não é solipsista ao ponto de negligenciar os *outros*. Procuro apontar que em todas as fases da escrita plotiniana o *outro* nunca esteve ausente, interpretando, por exemplo, a teoria de que “todas as almas são uma só” ou como Plotino entende que deve ser o caráter do virtuoso (*spoudaios*). Escrever acerca de tais temas durante uma pandemia suscitou desafios obviamente inesperados, creio ser importante expô-los.

Palavras-chave: Relato de experiência; Pesquisa; Filosofia; Plotino; Os outros; Pandemia.

A INEFICÁCIA DA PALAVRA NA SIGNIFICAÇÃO E OSTENSÃO DA COISA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO DE MAGISTRO DE AGOSTINHO DE HIPONA

⁷³ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Professor de Filosofia no Instituto Federal do Maranhão- IFMA - Campus Buriticupu; Colíder do grupo de pesquisa “Núcleo de Humanidades” (IFMA/CNPq); Orientador: Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra. E-mail: tjelithe@yahoo.com.br

Resumo: A presente comunicação propõe uma reflexão acerca do valor cognitivo da palavra no pensamento filosófico de Agostinho de Hipona no seu célebre diálogo *De Magistro*. Tal investigação parte da suspeição de que a linguagem verbal não dá a conhecer aquilo que as coisas significam, tão pouco mostra a coisa significada. Para Agostinho, pronunciar uma palavra é emitir um estímulo sensível que não produz na mente do ouvinte nem o conhecimento do sinal nem o conhecimento da coisa significada. Ou seja, a opacidade da palavra é a fonte de sua ineficácia cognitiva. Por essa razão, a favor do conhecimento das coisas, está o conhecimento prévio dos sinais. Logo, desprovida de eficácia cognitiva a respeito da realidade significável, a palavra, enquanto sinal, não produz o conhecimento da realidade se este não for previamente dado. Com efeito, as palavras são sinais, mas elas não possuem nenhuma força constitutiva de conhecimento, antes, a sua função consiste unicamente em lembrar ou admoestar a memória. Se as palavras ficam aquém de dar a conhecer os seus significáveis, bem como a ostensão das coisas, como explicar a força de admoestação que lhes reconhece? O *De Magistro* se caracteriza por ser uma obra fecunda sobre a relação linguagem e conhecimento, apresentando a necessidade de uma mediação interior como solução de seus problemas.

Palavras-chave: Agostinho; Linguagem; Conhecimento; Significação; Palavra.

O CONCEITO DE PULSÃO EM NIETZSCHE E FREUD

Salomão Santana⁷⁵

Resumo: O conceito alemão, *Trieb* é carregado de uma polissemia sem precedentes. Difícil de ser traduzido para outra língua, esse termo assume na teoria psicanalítica uma chave teórica sem antecedentes, em torno de um conceito no campo científico ou filosófico do léxico

⁷⁴ Discente especial do programa de pós-graduação em Filosofia da UFS. Participa do GT/ ANPOF Agostinho de Hipona e o pensamento tardo-antigo e também do Grupo de Estudos do Núcleo de Estudos Agostinianos e Idade Média da UFCA. E-mail: ronnydennyson@gmail.com. Orientador: Dr. Nilo César Batista da Silva.

⁷⁵ Doutorando em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, (orientando de Romero Junior Venâncio Silva) Pós-Graduação em Psicanálise clínica, graduando em Psicologia e membro do GEFILUFS - Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS